ENTREVISTA

SELMA FERREIRA DA COSTA

AMABELA: FEMINISMO E AGROECOLOGIA NA RESISTÊNCIA AO AGRONEGÓCIO

Por Revista Terceira Margem Amazônia:
Janaína Braga[1]
Rogerio Almeida[2]
Sara Pereira[3]
Thiago Rocha[4]

No meio do mundo da floresta amazônica, no Baixo Amazonas ou o oeste paraense, uma associação de mulheres busca um caminho que valorize a agroecologia. Uma vereda que sinalize para um modo de produção oposto ao modelo homogeneizador que impera desde os anos de exceção (1964-1985).

A Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Município de Belterra (AMABELA) nasce num contexto de resistência e enfrentamento ao agronegócio na mesorregião do Baixo Amazonas. A região se constitui como área de expansão do monocultivo de grãos, em particular a soja, e um eixo de integração da mesma produção, que se avoluma no Brasil Central.

Modal de transporte (rodovia, hidrovia e ferrovia), portos e hidrelétricas agendados para incrementar a circulação de commodities ameaçam os modos de produção considerados tradicionais. Modos protagonizados por populações ancestrais, tributárias de saberes milenares, onde se espraiam em várzea, em terra firme e ilhas, indígenas, quilombolas e um diversificado universo camponês. A conviveram harmonicamente com os caudalosos rios Tapajós e Amazonas.

Belterra é um município cravado num mosaico de unidades de conservação criado para se antepor ao desmatamento. Tem uma população estimada em 17.249[61]

[1] Graduanda de Gestão Pública e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Oeste do Pará
[2] Docente do Curso de Gestão Pública - PCEDR-ICS -UFOPA
[3] Graduada em Letras e Direito; Educadora da Fase Amazônia

pessoas. A cidade nasce da frustrada tentativa de Henry Ford em transformar a região num exitoso polo produtor e exportador de borracha, na década de 1930. Belterra fica na ilharga da Floresta Nacional do Tapajós. Como outras cidades amazônicas, é prenhe em migrantes.

Com o ocaso do projeto, Belterra passou a ter o eixo da economia a gravitar em torno da agricultura familiar e do turismo comunitário. Na última década, porém, a região foi invadida pelo monocultivo da soja. Nesse processo, grande parte dos agricultores familiares venderam seus lotes e passaram a morar em terrenos menores, próximos ou até dentro da área urbana.

Entretanto, eles mantiveram o hábito de cultivar roças e de criar pequenos animais. Outros seguiram nas suas terras, contudo, seus roçados, cercados pelas lavouras de soja, ficaram vulneráveis aos efeitos dos agrotóxicos que são intensamente aplicados no monocultivo.

Na perspectiva de buscar apoio para produzir e enfrentar a expansão da soja, um grupo de agricultoras familiares decidiu criar a AMABELA, associação que atualmente é composta por 80 trabalhadoras rurais. Apesar de já serem associadas ao Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais (STTR), as mulheres perceberam que suas pautas específicas demandavam atenção especial.

Necessitavam de um espaço para discutir suas questões próprias. Desde o aspecto organizativo e de produção, direitos reprodutivos e à saúde, às relações afetivas familiares. E em 2015, apoiadas por um edital do Fundo Autônomo de Mulheres Rurais da Amazônia Luzia Dorothy do Espírito Santo (Fundo Dema/ Fase Amazônia), criaram oficialmente a organização.

A AMABELA alia o feminismo à produção agroecológica para resistir à expansão do monocultivo da soja, e mostrar que o agronegócio não atende às das necessidades dos povos da Amazônia. A associação adverte que os modos produtivos e organizativos das populações locais podem garantir qualidade de vida, segurança alimentar, geração de trabalho e renda, além de sustentabilidade ambiental.

Sobre essa iniciativa que segue na contramão do competitivo mercado capitalista, fala uma das principais lideranças da AMABELA, Selma Ferreira da Costa,

[4] Graduando de Gestão Pública e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Oeste do Pará
[61] Estimativa do IBGE para 2017. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belterra/panorama

49 anos de idade, moradora da Comunidade Nova Canaã, distrito Galiléia, km 140 da BR 163, município de Belterra. Agricultora agroecológica, feminista e poetisa.

Revista Terceira Margem – ***Selma você poderia contar para a gente como foi sua trajetória pessoal?***

Selma Ferreira – Me chamo Selma Ferreira da Costa, estou com 49 anos, nasci no Campo Mourão, no Paraná. Sou filha de mineiro com paulista. Com 7 anos fui para o Paraguai junto com meu pai e meus avós paternos, eu fui criada com eles e lá eu morei dos 7 até os 14 anos. Meu avô era fazendeiro no Paraguai, e depois que ele morreu a fazenda foi vendida e a herança dividida. Teve uma turma que resolveu vir para o Pará em busca de terra para sobreviver, e foi assim que a gente veio parar aqui.

Eu vim com minha família pra cá. Cheguei aqui no Pará, em Santarém, com 14 anos. Fomos direto para o Quilometro 135 da BR 163, não foi fácil iniciar a vida no 135, porque só era mata, nunca tinha visto. A gente morava de frente com uma mecanizada de trigo. Lá no Paraguai, o meu avô era fazendeiro, então a gente não conhecia animais silvestres e nem tanta mata. Quando entramos para morar no 135, foi feito uma picada de pau a pique de machado e fomos parar na beira do igarapé.

Construímos uma casa toda de estaca com cavaco e morávamos com a família toda. Quando era de noite não tinha quem dormisse, com medo dos macacos, de tudo, todo mundo com medo porque nós éramos crianças. Depois fomos nos adaptando com aquela vida muito gostosa, aprendemos a viver juntamente com os animais na beira do igarapé, uma vida totalmente na natureza e era muito bom.

RTM – ***Sobre seus estudos, como foi sua caminhada?***

SF – No 135 não tinha aula, **e**u precisei vir estudar em Santarém e passei a morar com minha avó. Foi em Santarém que eu aprendi a ler e escrever português porque antes disso eu só sabia escrever e ler em castelhano. Até sabia conversar em português, mas na hora da leitura eu me enrolava toda, eu não sabia. Como casei muito cedo, os estudos foram interrompidos. Só depois que os filhos já estavam criados e adultos é que consegui concluir o ensino médio. Mas, ainda tenho o sonho de fazer Sociologia.

RTM – ***Como você constituiu sua família?***

SF - Quando eu completei 19 anos me casei com um cearense. Fomos morar no bairro do Urumari. Ele trabalhava na fábrica em frente à CEMEX, moramos dois ou três anos lá. Tive a Suzane e o Thiago. Depois do Thiago nós voltamos para o 135, começamos a formar outro sítio. A família cresceu e tivemos mais duas filhas. Passa-se o tempo e nós nos mudamos para Nova Canaã, porque no 135 não tinha água. A gente tinha que carregar água lá do igarapé para casa, então era muito difícil e fomos viver na Comunidade Nova Canaã, que ficava no quilometro 140 da BR 163.

Compramos um sitio e produzíamos muita pimenta do reino e mandioca, que era o maior sustento de todas as famílias. Da mandioca se fazia a farinha, tapioca e todos os outros derivados. Começamos a plantar arroz, feijão, muito arroz, produzia bastante, produz ainda, mas nem tanto.

RTM – *Como foi esse recomeço de vida na Comunidade Nova Canaã?*

SF - Não era muito fácil, porque a gente andava da BR 163 até lá em casa 11km. Ninguém tinha transporte, não tinha bicicleta, não tinha nada no início. Nós andávamos esses 11km com crianças, com rancho e tudo que fosse preciso. Levar a farinha para vender em Santarém dava trabalho, tínhamos que pegar o ônibus da Transbrasiliana e a gente rodava muito. Se saísse lá da BR às 10h da manhã, nós íamos chegar 10h da noite em Santarém. Era muito longe, era muito ruim a estrada, o percurso se tornava longo demais. Meus filhos foram crescendo, nós transformamos o nosso sítio. Se derrubasse o mato, plantava o arroz, o feijão, a mandioca, só que a gente já ia replantando com frutas, andiroba, açaí, buruti para manter um sitio bem legal e com isso, íamos reflorestando.

RTM – *Vocês criaram os filhos com o trabalho da roça?*

SF - A gente vivia do que produzia, não só a nossa família, como também os colegas, vizinhos e nós vivíamos todos em comunhão. Fazíamos aquela troca das nossas produções, trocávamos caça, pesca, farinha e outros produtos. Todos trabalhavam coletivamente. Se fossemos derrubar uma roça de qualquer família era feito um mutirão, os homens se juntavam e iam trabalhar todos naquele terreno e as mulheres se

responsabilizavam pela alimentação. Era bom viver lá, pois a gente plantava, colhia, vivíamos do nosso próprio sustento sem salário.É assim até hoje, é muito bom, só que não é mais que nem antes. Depois vieram as mudanças. Primeiro veio a abertura de estradas, a gente lutava muito por nossos direitos, seja por uma escola, saúde, educação, o bem-estar de cada um, porém com isso chegou muitas coisas que também não era pra ter chegado nas comunidades.

RTM – ***Você pode nos contar quais foram essas coisas que chegaram na comunidade após essas mudanças?***

SF - A primeira coisa que chegou foi o madeireiro, que já chegou sem dó e nem piedade e iludindo os comunitários. Comprava área por uma *merrequinha*, as pessoas iam vendendo suas árvores do terreno, porque achava que era melhor vender a árvore do que ir fazer farinha, por aí percebíamos que as facilidades começavam a aparecer. Então muitas pessoas, muitos comunitários foram vendendo suas árvores, derrubando suas matas e grandes fazendeiros foram chegando. Depois veio o assentamento, com a chegada do assentamento muitas pessoas de fora foram se aproximando e o objetivo era só destruir a natureza.

RTM – ***Nessa época, quantas famílias existiam?***

SF – Em média de 53 famílias na comunidade. Após dois anos fizemos uma contagem e só na nossa comunidade o número de família passou para 106. Fora os que estavam dentro do assentamento e foram formando comunidades, que a nossa era o limite. Porque lá é assim, tem a comunidade Bethânia que é o 140, a Nova Canaã que era o limite de tudo e dá lá começou a surgir outras como a Princesa Isabel, Santa Rita de Cassia, Liveira Sema, Fortaleza e Cachoeirinha.

RTM – ***Ainda hoje na região em muitas comunidades rurais é difícil o acesso à escola. Como foi naquela época para seus filhos estudarem?***

SF – Quando chegou o tempo de os meninos estudarem foi preciso sair, porque a Andreia e Adriana eram de menor e na comunidade só havia escola para as séries iniciais. A Suzane veio primeiro, veio morar com minha cunhada, só que a casinha era tão pequenininha que moravam um por cima do outro e quando chegaram mais duas o espaço já não dava. Nós tivemos que sair, eu fui para a comunidade do Cipoal em

Santarém. Nós fizemos só um quarto e eu vim morar com as duas meninas, aliás com as três. Tivemos que tomar novos caminhos, porque as condições financeiras já não eram tanto favoráveis. Quando eu cheguei a Santarém, tive que fazer faxina, mudou a minha vida completamente. Além de fazer faxina, trabalhei na pipoquinha na escola, de zeladora, depois eu fazia cocada e vendia na rua. Eu tinha que cumprir o período até a Adriana completar 18 anos, não podia deixar de menor desacompanhada. Elas começaram a estudar e eu também até pensei em estudar, mas não deu certo. Quando ela completou 18 anos, eu estava com três anos em Santarém, então decidi voltar para o 140. Eu disse: "agora vocês estão com tudo aí eu vou continuar lá", porque eu ficava indo e vindo entre Santarém e a comunidade. Eram duas despesas e tudo muito difícil também. O meu marido ficou sozinho, porque o Thiago saiu, ele estava para o BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), e lá ele foi trabalhar em máquinas pesadas e a Suzane foi pra Granja.

RTM - ***Quando você começou a fazer parte do Sindicato?***

SF - Eu sempre estava nos movimentos da comunidade onde a gente lutava por nossos direitos. Também participava muito na igreja, como catequista e ajudava na coordenação da Pastoral da Criança. Logo no início, quando começaram a falar de sindicato lá na comunidade, não me interessei muito. Mas, depois eu via os movimentos que o sindicato fazia, aí me deu vontade de entrar para participar da luta sindical e conhecer mais. Queria entender o que era aquilo, queria saber realmente o que o sindicato fazia. E aquela curiosidade fez com que eu me associasse, em 2004. Comecei a participar e gostei.

RTM - ***Como foi a sua ida para a direção do Sindicato?***

SF - Como eu estava sempre participando das reuniões e assembleias do sindicato e era bem ativa, logo me convidaram para ser delegada sindical, já em 2005. Aí me envolvia em tudo que era luta, nos debates sobre as questões das mulheres, nas formações que realizavam com lideranças. Então, em 2013 fui chamada para fazer parte da nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Belterra. Aceitei, e assumi a secretaria de finanças nesse mandato que encerrou agora em 2017.

RTM - ***O que mudou na sua visão de mundo depois dessa sua experiência na organização sindical?***

SF - Bem, quando eu vim para o sindicato, e depois assumi um cargo na direção, eu conheci um novo mundo. Antes, a minha preocupação era cuidar dos meus filhos, do meu lote e lutar pela melhoria da minha comunidade. Mas, depois que passei a ser diretora do sindicato eu pude conhecer outras regiões, participar de debates que discutiam questões mais amplas. Antes eu dizia: "ah pra mim, lá é um paraíso". Mas, vendo outras realidades, eu percebi que não adiantava a gente ficar olhando pra nossa casa, aproveitando do bom e do melhor, enquanto outras pessoas passavam necessidades ou morriam doentes. Então, eu comecei a enxergar esse novo mundo, aí mudou a história, eu já não aguentei ficar de braços cruzados.

RTM - ***Essa sua capacidade de analisar a realidade fez com que sua atuação não se limitasse às tradicionais pautas sindicais. Como você avalia isso?***

SF - Desde pequena eu sempre me inquietava com qualquer coisa que destruía o meio ambiente. Não sabia bem o que fazer, mas sempre escrevia sobre as questões que me angustiavam. Eu gosto muito de escrever. Quando casei, meu marido ia para roça fazer uma grande derrubada, eu ficava em casa no desespero. Eu me questionava o porquê da necessidade de fazer as queimadas, mesmo sabendo que era importante para o plantio do feijão e do arroz que era para o nosso sustento. Às vezes até brigava com meu marido por causa disso. Então, quando cheguei à Belterra e vi aquela grande devastação, fiquei pensando que ali era uma imensidão de mata que foi destruída, foi triturada por pesos de enormes tratores que derrubaram tudo para plantar soja. Ali havia animais, havia uma grande floresta, havia muitas pessoas morando que tiveram que ir embora sabe se lá pra onde. Nossa! Eu fiquei arrasada de ver tudo aquilo. Aí nada mais me segurava. Passei a participar ainda mais dos movimentos, não queria nem saber o que os outros falavam. Eu queria era me manifestar, botar a boca no trombone pra ver se a gente ajudava a resolver alguma coisa para aquele povo. Não era mais apenas uma comunidade, era o município todo. Mas, foi muito difícil. Esses quatro anos que estive na diretoria do sindicato foi um período de uma vida política muito complicada. Em muitos momentos eu batia de frente com os outros diretores porque eu dizia que o nosso

sindicato tinha que se envolver mais nas lutas, não podia ficar só tratando de questões de previdência e salário maternidade.

RTM - ***Na diretoria executiva do sindicato era só você de mulher?***

SF- Não. Nós éramos quatro mulheres e um homem.

RTM - ***Com uma composição majoritariamente feminina num espaço tradicionalmente ocupado por homens, pode-se dizer que o machismo não foi um problema enfrentado por você nessa atuação de dirigente sindical?***

SF - Posso ser sincera? Não tem coisa pior do que a gente enfrentar o machismo vindo de outras mulheres. Sim, porque a gente imagina que o machismo sempre vem dos homens. E quando a gente se depara com companheiras que, na disputa pelo poder, tentam diminuir nossa capacidade e a nos menosprezar como mulher, aí é doído demais.. Isso aí foi a parte mais difícil. Quando eu passei a participar das reuniões de criação do Fundo Autônomo Luzia Dorothy do Espírito Santo e a me dedicar para a criação da AMABELA, minhas colegas de diretoria diziam assim: "você não faz mais nada aqui no sindicato, agora você só trabalha para essas mulheres". E isso me chateava muito porque ao invés delas me fortalecerem na luta pelos nossos direitos e igualdade enquanto mulheres, elas faziam era me criticar e querer diminuir minha legitimidade enquanto dirigente sindical perante aos associados. Me entristecia muito ver como elas reproduziam o machismo que a gente tanto queria combater em nossos companheiros. Parecia que elas esqueciam que aquelas mulheres com quem eu estava trabalhando eram todas trabalhadoras rurais associadas do nosso sindicato. Mas, eu nunca baixei a cabeça, não. Continuava firme nas discussões com a mulherada. Eu não estava lá para competir, eu queria simplesmente fazer o meu trabalho e lutar pelo que eu acreditava. Mas, foi muito difícil.

RTM - ***Vocês priorizaram trabalhar com as mulheres que já eram sindicalizadas. Se elas já estavam dentro do sindicato, qual a necessidade de criar uma organização especifica de mulheres?***

SF - Dentro do sindicato já havia outros projetos, mas sempre os trabalhos eram voltados para os homens. É da agricultura familiar? É! Mas quem seria priorizado nesse

projeto, geralmente seriam os homens, a mulher não. A AMABELA era especifica, nós iriamos trabalhar com as associadas do sindicato tanto em projetos, como na autonomia de cada uma das mulheres envolvidas. E nas discussões realizadas pelo Fundo Autônomo de Mulheres Rurais Luzia Dorothy do Espírito Santo, percebemos que essa não era uma demanda exclusiva de Belterra, mas dos outros municípios também. Tanto que foram criadas associações de mulheres trabalhadoras rurais também em Santarém e Mojuí dos Campos. O machismo no meio sindical é muito forte. E notamos que precisávamos enfrentar isso. E a maneira que a gente encontrou de fazer esse enfrentamento foi criando associações específicas de mulheres para nos fortalecermos coletivamente.

RTM - ***Com todos esses desafios no sindicato, como foi que sua trajetória feminista foi se consolidando?***

SF - Eu participava de um programa de formação em direitos territoriais. Era um curso realizado pela Fase[62]. Lideranças de várias organizações de diversos municípios também participavam. Lá eu aprendi muita coisa, como os grandes projetos que ameaçam nossa região e ferem nossos direitos. Eu comecei a enxergar que os grandes negócios, que sejam os sojeiros, as mineradoras, e assim sucessivamente, era tudo só para poder destruir e crescer, deixar, nossa gente na miséria. Então, eu aprendi bastante com isso, graças a Deus. Também conheci companheiras de movimentos de mulheres com quem debatia questões que tratavam das nossas pautas mais feministas. Depois, quando a Fase mandou um convite para o sindicato para uma reunião que ia discutir sobre a criação de um fundo autônomo para as mulheres trabalhadoras rurais, eu fui logo indicada até porque era eu me interessava por esse debate. Aí no processo de criação do Fundo, muitos encontros foram realizados só com organizações e movimentos de mulheres. E em cada encontro eu me identificava ainda mais com as histórias de vida socializadas pelas companheiras e tinha muita vontade de partilhar todo aquele aprendizado com as demais trabalhadoras rurais do meu município. Daí, me dediquei muito no trabalho de criação da AMABELA. Fizemos oficinas de capacitação

[62] Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional é uma ONG fundada em 1961.

com as mulheres em todos os distritos de Belterra até chegar o dia da assembleia de fundação da Associação.

RTM - ***Então, a AMABELA foi um divisor de águas para você enquanto feminista?***

SF - Sim. Com a AMABELA e o Fundo Autônomo de Mulheres tive a oportunidade de participar de intercâmbios e atividades de capacitação em vários lugares, inclusive fora do estado. Os intercâmbios me abriram muito a mente. A gente observa os territórios, as lutas existentes e vê muitas semelhanças. E com os movimentos de mulheres foi a mesma coisa. Fui participar de um programa de formação em Belém que se chamava feminismo e agroecologia, realizado também pela Fase. Daí, fui convidada a participar do III ENA (Encontro Nacional de Agroecologia). Lá eu confirmei o que eu já vinha aprendendo no programa de formação: sem feminismo, não há agroecologia. Com certeza, isso tudo mudou minha rota de vida.

RTM – ***Além das pautas feministas, o que mais mobiliza a AMABELA?***

SF – Já fazíamos todo um debate sobre o avanço da soja na região, como nossas terras estavam tomadas pelo agrotóxico, nossos igarapés estavam sendo contaminados e até as plantações de quem não usava veneno estavam sendo afetadas. E depois que participamos das capacitações sobre feminismo e agroecologia, decidimos que era isso que a gente queria: trabalhar nas plantações, nas hortas, criando nossas galinhas, tudo de forma natural, sem química, sem agrotóxico. Compreendemos que era preciso respeitar as condições da terra. Por exemplo, se a terra não era boa para produzir pimentão, por que iríamos insistir em plantar pimentão? Pra ter que usar química na produção? Outra coisa que aprendemos é que a comida gera saúde. Se a gente não tem coragem de colocar na mesa da nossa família verduras e legumes que foram plantados com uso de agrotóxico, por que venderíamos para outras famílias alimentos envenenados? Então, a gente entendeu que essa era a proposta da agroecologia: trabalhar na terra com muito amor e carinho, com cuidado e respeito por ela e por tudo que produzimos. Assim como queríamos ser respeitadas e valorizadas enquanto mulher, também devíamos valorizar o espírito feminino da mãe terra e tudo que ela pode nos oferecer.

RTM: ***Vocês, enquanto AMABELA, têm noção do que vocês estão gestando no Pará? Vocês têm noção do quanto o trabalho de vocês é diferente na nossa região?***

SF: Eu sei que é um grande desafio, mas dentro do nosso próprio trabalho, nós descobrimos que a agroecologia já é praticada pela maioria dos pequenos agricultores. Mas, é um trabalho muito desafiador dentro do mundo que nós estamos vivendo, principalmente do nosso município em que o discurso do agronegócio de que a soja vai gerar o tal desenvolvimento, de que vai trazer emprego para os jovens, é muito utilizado pelos grandes e pelos políticos. Mas, também sabemos que a nossa chance de enfrentar tudo isso é se organizando coletivamente e mostrando que nossa forma de plantar, criar e produzir é o que sempre deu certo pra nós, garante alimento saudável na nossa mesa e das famílias que consomem o que produzimos, e é de onde tiramos o sustento dos nossos filhos.

RTM - ***Se você fosse definir um tripé da base da AMABELA, como seria?***

SF - Nós buscamos nossa autonomia, através da produção agroecológica, tentando garantir nossa sustentabilidade. Hoje temos a liberdade de sair de casa para vender nossos produtos na feira e não precisamos pedir dinheiro do marido pra pagar nosso ônibus, porque nós mesmas temos como pagar. Essa autonomia de não precisar pedir, de não depender do esposo ou dos filhos é muito importante para nós. Outra alegria para nós é saber que temos nosso canteiro de cheiro-verde, por exemplo, e que não vamos precisar gastar para comprar e ainda podemos colocar uma plaquinha no nosso portão: "vende-se cheiro" e, com isso, angariar um pouco de recurso para ajudar no sustento da casa e da nossa família. Coisa ruim é a gente ter que estar pedindo: "marido quero isso, marido quero aquilo". Mas, a busca da autonomia econômica é um grande desafio porque os homens começam a observar e a questionar se nós não precisamos mais deles. Não é questão de não precisar mais dos homens, apenas estamos querendo andar com as nossas próprias pernas.

RTM - ***E a conquista dessa autonomia que vai se dando paulatinamente, com é encarada pelos companheiros das mulheres da AMABELA?***

SF: É uma questão bastante difícil, bem desafiadora. É muito complicado a mulher sair da sua casa e deixar o lar, depois de uma vida toda de submissão. Por exemplo, simplesmente dizer "eu vou para a feira da UFOPA[63]" ou "eu vou participar de uma oficina hoje", mais complicado ainda era dizer "hoje eu vou participar de uma discussão sobre feminismo". Ainda tem marido que questiona com a esposa por que está chegando tarde, por que tanta reunião, por que não para mais em casa, reclama e até agride com ofensas. Então, não é fácil, não. Algumas mulheres ainda têm certo receio de falar abertamente sobre suas questões com o companheiro, mas vão aos pouquinhos se libertando. E nas rodas de conversa umas vão fortalecendo as outras. Então, elas vão se enchendo de coragem para não admitir mais agressão, para dizer ao esposo: "se você me violentar, eu sei meus direitos e você vai pagar por isso". Mas, esse processo de empoderamento não é fácil, tem altos e baixos. E quando alguma desiste, mexe com a gente, mas a gente não desiste delas. Vamos conversando, dialogando e se apoiando. Atualmente temos 80 mulheres associadas, mas cerca de 30 participam ativamente das atividades, das oficinas, das feiras, de todo tipo de evento. Porém, nas reuniões e assembleias mais amplas, geralmente a grande maioria participa.

RTM – ***Como foi iniciar a discussão sobre feminismo com um grupo de trabalhadoras rurais?***

SF - O início dos trabalhos eu comparo como se fosse a ensinar a uma criança a se alfabetizar. Tudo era novo e desafiador. Porque nós mulheres fomos educadas para cuidar da casa, dos filhos, lavar roupa, fazer comida e servir o marido. Nossos sonhos, nossos desejos e até o cuidado com a gente mesma vai ficando sempre para depois e, às vezes, nunca chega. Vivemos na escravidão do regime familiar e religioso. E quando a gente conhece o feminismo a gente vai se identificando e se encantando com esse mundo novo que a gente vai descobrindo. A gente vai se reconhecendo como pessoa que tem direito. Direito à liberdade, a lutar pelos seus sonhos, a construir e conduzir sua vida conforme aquilo que acredita. A gente vai escutando as histórias de superação de

[63] Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

outras mulheres e também vai se sentindo capaz de mudar os rumos de nossa trajetória. E assim foi na AMABELA. Mulheres que antes não saíam de casa, agora têm coragem de entrar na luta, de ir pra rua. Já fizemos caminhada, manifestação, ato público para reivindicar nossos direitos e também para denunciar as violências que muitas de nós ainda sofremos. Mas, têm outras, que não fazem parte do nosso coletivo, que até ajudam os homens a falar mal das feministas dizendo: "essas mulheres aí não querem prestar mais". Porém, a gente sabe que elas fazem isso porque ainda precisam se libertar. Quem sabe logo elas também se juntam a nós.

RTM - ***O que a AMABELA já trouxe para você, pessoalmente, e para o conjunto das mulheres? O que a AMABELA mudou na sua vida?***

SF: A primeira mudança que a AMABELA trouxe foi que antes eu trabalhava muito voltada para todos os públicos (homens e mulheres). Agora não, trabalho especificamente com as mulheres. Esse negócio de dizerem: mulher é mais frágil, mais sensível... Negativo! Nós não somos assim. Consigo enxerga que a mulher tem o mesmo nível do homem. Não tem ninguém melhor do que ninguém, ninguém mais forte que ninguém, isso não existe! E esse também é o entendimento de outras mulheres. Quando a gente consegue se conscientizar, se politizar e dizer: "eu quero, eu posso, eu também vou conseguir, ninguém segura a gente". Nesse momento entramos na luta e vamos conseguindo o reconhecimento de nossos direitos.

RTM: ***E como você vê a questão da comercialização da produção das mulheres através da AMABELA? Hoje vocês vendem os produtos nas feiras no CAT (Centro de Atendimento ao Turista). Essas conquistas seriam possíveis sem a Associação?***

SF - A gente nunca ia conseguir se tivesse continuado tentando comercializar isoladamente. A gente nem ia conhecer o quanto é importante trabalhar junto, no coletivo. Hoje somos um grande coletivo. Ir para o CAT foi um grande avanço. Apesar de ainda não ser um espaço nosso, porque é apenas cedido pela prefeitura, mas é o cantinho onde a gente consegue se concentrar, fazer nossas reuniões, nossas rodas de conversa, expor e vender nossos produtos. Com nossa luta conseguimos que nos fosse disponibilizado o espaço do centro turístico, o melhor local no município para quem precisa comercializar. Além disso, ir pra feira da UFOPA foi outra conquista muito

importante. Lá a gente vende sem medo e pode garantir ao consumidor que ele tá adquirindo uma polpa de cupuaçu saudável. Que tá comprando alimentos sem veneno, que não irá fazer mal à saúde de sua família.

RTM: ***Selma, hoje vivemos um momento na história da humanidade em que temos dificuldade em chegar aos 60 anos, porque comemos frango de granja que cresce em, no máximo, quarenta e cinco dias. Ou seja, comemos muitos produtos que causam malefícios à nossa saúde, respiramos tudo que não presta e, num lugar que quase ninguém conhece, vocês mulheres, protagonizando mais uma vez a história, trazem algo novo, do cooperativismo novo, de empoderamento novo. Você acha que esse modelo é a saída para o nosso meio? É um outro estilo de vida, aquilo que chamam de bem viver? Como vocês trabalham, como lidam com a terra, o modo de empoderamento das mulheres, tudo isso representa esperança?***

SF: É uma esperança. Uma grande esperança! Que nós possamos transformar, porque lidamos com a terra, com muito amor. E eu acredito que quando trabalhamos com amor, avançamos. Quando trabalhamos com a agroecologia, nós mulheres, mostramos para o povo que é possível sim a gente se sustentar com a nossa própria produção, do nosso jeito, com as nossas ferramentas, sem entrar na logica dos grandes. Porque eles [os grandes] produzem pra ganhar dinheiro e nós produzimos pra nos sustentar. E assim cuidamos da nossa saúde, da saúde da terra e da saúde das pessoas que compram os alimentos que produzimos. Eu tenho muita esperança que muitas pessoas irão optar por esse modo de vida. Se a nossa proposta é nova ou não, não sei. Sabemos que é o bem viver. A gente quer mostrar para humanidade que tem como sobreviver sem tá comendo "porcaria", sem ser submissa e comandando nossa própria vida.

RTM: ***Quais são os próximos passos que a AMABELA e a Selma querem dar?***

SF: Nós estamos na luta pelo território, porque parte das comunidades onde estão as mulheres da AMABELA, está em disputa pelas prefeituras de Mojuí dos Campos e de Belterra. E essas coisas são decididas sem participação dos afetados, sem perguntar se queremos mudar de município. E isso está sendo um problema pra nós. Além de lutar contra o avanço do agronegócio nas nossas terras, agora também temos que lutar para que a gestão do nosso município não entregue nossas comunidades para outro

município apenas por interesses políticos. Mas, também temos outros sonhos, como continuar com a nossa feira de "sementes, sabores e saberes", que já está na quarta edição. Nosso grande sonho é ter um banco de sementes crioulas para que possamos distribuir às agricultoras e agricultores e para que a gente garanta a nossa produção de alimentos saudáveis. Hoje são muito usadas as sementes transgênicas e clonadas, que são dominadas pelas grandes empresas. Isso não serve pra nós, porque nós plantamos sem usar agrotóxicos, mas essas sementes transgênicas não sobrevivem sem agrotóxico, não produzem, podem até produzir, mas sem qualidade. E a semente crioula é resistente, é aquela semente que nossos avós e nossos pais guardavam e trocavam com os demais agricultores, é a semente que nos permite produzir alimentos saudáveis.

RTM – ***Você tem uma história familiar como agricultora. Você já conhecia esse conceito de semente crioula ou aprendeu isso com a AMABELA?***

SF: Nunca tinha ouvido falar em semente crioula, nem agroecologia, não sabia nem o que significava isso. A gente trabalhava com a agricultura, tinha a prática de guardar e trocar as sementes com os vizinhos, mas não sabia o quanto isso era importante. E, com o passar do tempo, essa prática foi se perdendo. Para o agricultor era mais fácil comprar as sementes. Hoje é raro ver o agricultor que se preocupa em armazenar as sementes em recipiente adequado, tomando cuidado para não estragar a fim de que no próximo ano possa plantar. E com a AMABELA, nas capacitações que participamos, aprendemos a recuperar essa prática tão fundamental para a nossa produção agroecológica. E com a feira de "sementes, sabores e saberes" estamos exercitando essa prática. Para o período da exposição andamos todo o município em busca de milho, arroz, feijão buscando quem tinha essas sementes guardadas e foi difícil encontrar. Hoje já tem gente que levou semente pra casa, já plantou, já colheu e já guarda para a próxima troca. É muito gratificante isso. Nos encontros agroecológicos a gente leva semente e traz sementes de outros lugares para plantar aqui. E assim a gente vai garantindo a preservação das sementes crioulas.

RTM - ***O que é a feira de Sementes, Saberes e Sabores. Por que esse nome?***

SF – É uma feira especial, que realizamos uma vez por ano. Na nossa feira, a gente expõe as sementes crioulas, a gente socializa os saberes, porque cada pessoa ensina um pouco do que sabe sobre a origem das sementes, além da sabedoria do plantar, colher, armazenar e partilhar. Durante a feira, a gente faz a troca da minha amiga semente. É como a brincadeira do amigo oculto, só que o presente é a semente. E quando cada semente é trocada, a pessoa explica de onde vem a semente que está oferecendo, como se planta e como se guarda para o momento certo do plantio. Temos também a degustação dos sabores porque tem a venda de comidas típicas, como galinha caipira, verduras e legumes, além dos doces, biscoitos e licores. É por isso, que chamamos feira de sementes, saberes e sabores.

RTM - ***Vocês tem consciência que estão indo na contramão do mercado? Vocês estão protagonizando um processo que chega ser rebelde, subversivo, revolucionário. Vocês se dão conta disso? Vocês não trocam apenas sementes, socializam histórias. Vocês geram vida por produzir alimentos saudáveis. Vocês estão dizendo para o mundo: não precisamos "desse negócio" de soja, de transgênicos. Vocês estão dizendo para aqueles, detentores do saber científico, que a alternativa de vida boa não é academia que está dando, são vocês. Em pleno momento em que percebemos que se continuarmos na atual logica de produção, não haverá outro caminho se não a morte para todos, vocês surgem sem alarde, num lugar que poucos conhecem – Belterra, e estão dizendo para o mundo: olha é possível se manter vivo, mesmo com todas as ameaças e desgraças. Diante desse cenário surge uma indagação: vocês têm a real compreensão da grandeza do que estão fazendo?***

SF - Bem, a real compreensão eu não sei se temos. Só sei que a gente tá plantando, alimentando nossas famílias, vivendo da nossa produção e estamos querendo dizer para o povo que há possibilidade de se fazer isso ainda. Que a gente não precisa encher a terra de química pra poder produzir. Que a terra é nossa mãe e que se a gente souber cuidar dela, tratar com carinho, ela nos dará tudo que precisamos.

RTM - ***E se pudesses deixar um recado para quem não conhece a agroecologia, a luta das mulheres, que não acredita em outra possibilidade de mundo, que recado você deixaria?***

SF - Tudo o que a gente cuida com amor e carinho, dá retorno. Por isso, temos que cuidar com muito amor da nossa mãe terra que ela vai retribuir nos dando tudo que a gente precisa para o sustento das nossas famílias.

RTM - ***Depois de toda a sua trajetória de vida, de superação de desafios, de engajamento na luta pela autonomia e direitos das mulheres, como você se sente?***

SF - Eu me sinto realizada porque eu olho pra trás e, às vezes, eu nem acredito que eu consegui subir tantos degraus. Me sinto uma vencedora. E a convivência com as outras mulheres foi o que me fortaleceu, porque eu percebi que o meu problema não era só meu. Era meu e de todas as outras, assim como o problema delas também era meu. Nas rodas de conversa, quando eu começo a ouvir as histórias, me dou conta que eu preciso delas e elas de mim. E assim a gente vai seguindo, numa grande corrente, numa só família, fortalecendo nossas forças.

O TROCO DO AGRONEGÓCIO

Selma Ferreira[1] – 2015

A bela terra de encanto e beleza

Da eira do rio chora em devastação

O encanto de todos nós, Tapajós

Devastada pelo agronegócio

Bela terra jamais alimentada pelo agrotóxico

A grande beleza se esvai

E começando pelas raízes

O nosso povo já foi condenado hoje!

1Liderança da Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Belterra (AMABELA).

Hoje só se vê em crises

Marcas de um velho passado.

Imagine a terrível carcaça

De um chão sem solução explorado pela borracha

Enorme devastação

Veja o sonho de um perdedor

Que hoje chora a perda da vida com o peso de um trator

Abriu uma grande ferida

Dores, devastação, miséria

Engolidas pela ambição de grandes sojeiros, por milhões e milhões de grileiros

Que visam apenas ao lucro, o agronegócio e o dinheiro.

E agora? Agora o tempo é de vida dura

Homens? Homens que estão só pele e osso, com câncer que não tem cura Essa é a nossa realidade seu moço

Porque vivemos em ditadura

Na BR 163 há choro e ranger de dentes

Carretas e carreteiros

Esmagando tudo, mas tudo, até gente.

Mas, um apelo à vida nos oferece

Com a resistência de trabalhadoras rurais, indígenas e forasteiros

Que mesmo com fome, sem chão, sem dinheiro

Ainda cuidam da eira do rio, abraçando a bela terra encantada, a nossa terra amada

Um pedacinho bem pequenino do nosso Brasil!